

OLHAR JESUS JUNTOS



Caros irmãos e irmãs, os compromissos depois do Capítulo Geral permitem-me apenas agora vos escrever uma breve carta de Natal. Também é verdade que os discursos de abertura e conclusão do Capítulo já vos chegaram em quase todas as línguas, e estou certo de que os vossos superiores vos fizeram ou farão participantes da experiência deste momento tão importante na vida da Ordem, assim como das decisões e dos documentos que o Capítulo expressou para o sustento do caminho da Ordem nos próximos anos.

Seguir Pedro para seguir a Cristo

Todos conheceis a breve mas intensa descrição que a *Carta Caritatis* dá do encontro de todos os superiores da Ordem: “Tratem da salvação de suas almas; deem disposições sobre a observância da Santa Regra ou da Ordem, se houver algo a corrigir ou incrementar; restabeçam entre si o bem da paz e da caridade” (CC VII,2).

Certamente todo Capítulo Geral apresenta aspectos positivos e negativos, momentos de graça e comunhão fraterna, assim como de conflito e luta de poder. Tudo faz parte do “caminhar juntos”, isto é, do caminho sinodal, dos discípulos de Cristo. Não devemos nos escandalizar nem desanimar pelas nossas mesquinhezes, mas sobretudo não devemos esquecer de agradecer ao Senhor por nos manter juntos neste caminho e por nos permitir experimentar sempre de novo a beleza da nossa vocação e missão.

Como disse no *Discurso Conclusivo*, o momento de maior graça deste último Capítulo Geral foi certamente o encontro com o Papa Francisco e o discurso que ele nos fez no dia 17 de outubro. Experimentamos o quão fortemente Pedro é na Igreja aquele que tem a missão de reformar em nós e entre nós, como diz a *Carta Caritatis*, “o bem da paz e da caridade”.

O Papa Francisco encontrou uma maneira de nos sugerir o que precisa ser "corrigido e incrementado" entre nós para que a vida da Ordem esteja a serviço da salvação de nossas almas e de toda a humanidade. Por isso senti imediatamente que o primeiro compromisso a assumir no reinício do meu serviço como abade geral é retomar com todos vós as palavras do Papa como uma indicação segura, inspirada pelo Espírito Santo, para orientar e estimular a continuação do nosso caminho comum. Porque só seguindo a Pedro se segue a Cristo, e só seguindo a Cristo temos a certeza de não nos perdermos, de não perder a orientação justa do nosso carisma, mesmo na rica variedade das diversas observâncias.

O carisma da comum observância de Cristo

É precisamente sobre a palavra "observância" que gostaria de me concentrar nesta carta de Natal, deixando as próximas cartas outros temas do discurso do Papa que certamente deveremos aprofundar.

Sabemos que a nossa Ordem tem o título oficial de *Ordem Cisterciense*. A qualificação de "comum observância", como também disse o Papa, é para nos distinguir de outras observâncias "especiais", como a "estrita observância".

O Papa deu um novo valor a uma expressão percebida quase como desdenhosa, mostrando-nos como podemos viver de maneira especial a nossa observância. É inútil comparar as diversas observâncias, não só entre as Ordens, mas também entre as nossas diversas Congregações ou entre comunidades individuais. Não raramente, a competição sobre observância cria tensões até mesmo entre monges ou monjas da mesma comunidade. Em vez disso, trata-se de viver cada observância de uma maneira que a valorize por dentro. A nossa observância não será melhor comparando-nos externamente com os outros, mas se a vivermos de modo evangélico, colocando Cristo no centro. O Papa nos ajuda a compreender que não é boa uma observância se for exteriormente melhor que a dos outros, mas se é animada por duas dimensões profundas de toda vida e vocação cristã: a atenção contemplativa ao Senhor e a comunhão fraterna.

Fez-nos bem ouvir do Papa que estes dois elementos fundamentais da vida cristã estão, por assim dizer, inscritos no nosso carisma, ou seja, são o dom da graça que sempre nos pode unir para seguir Cristo com alegria e esperança. De fato, o Papa Francisco dizia: "Nunca deixa de nos surpreender e de nos dar alegria este dom que recebemos: ser a sua comunidade, como somos, não perfeitos, não uniformes, não, não assim, mas convocados, concernidos, chamados a estar e caminhar juntos atrás d'Ele, nosso Mestre e Senhor. Irmãos e irmãs, esta é a base de tudo. Agradeço-vos por enfatizardes isto e encorajo-vos a reacender o vosso desejo e a vossa vontade por esta comum observância de Cristo."

Só repartindo desta gratidão pela nossa vocação, pelo carisma que todos recebemos, e pelo chamado a vivê-lo juntos, podemos verdadeiramente reformar "o bem da paz e da caridade", não só para nós e entre nós, mas para todo o mundo que hoje, mais do que nunca, tem uma necessidade vital disso.

Olhar Jesus juntos

Então compreendemos que o primeiro e fundamental compromisso que nos é pedido depois deste Capítulo Geral, e o meu primeiro e fundamental compromisso como abade geral, é aquele de *olhar Jesus Cristo juntos*, não antes de tudo nós mesmos ou uns aos outros, mas Cristo. Quando não olhamos primeiro o Senhor, sempre acabamos nos julgando, condenando-nos e dividindo-nos. Ao contrário, olhando juntos a Jesus, com admiração nos descobrimos unidos por Ele, por sua presença, por seu olhar, por sua palavra, por seu amor por nós. É uma experiência que o Papa nos chama a fazer como Ordem, em cada comunidade, e também entre todos os superiores. É a experiência que toda a Igreja é chamada a fazer, que todos os cristãos são chamados a fazer para redescobrir sempre uma unidade, uma comunhão, que não são obra nossa, mas o luminoso reflexo do Rosto de Cristo em nós, aquele luminoso reflexo que, como Jesus nos prometeu, permite ao mundo inteiro crer que o Filho é enviado pelo Pai para salvar a humanidade (cf. Jo 17,21).

O Papa traçou com simplicidade a modalidade desta "comum observância de Cristo", como prática de oração e meditação que deveria nos ser familiar à escola de São Bento, de São Bernardo e da nossa tradição cisterciense: "Observar Jesus. Como uma criança que observa o pai, ou o melhor amigo. Observar o Senhor: o seu modo de fazer, o seu rosto, cheio de amor e paz, por vezes indignado face à hipocrisia e ao fechamento, e também perturbado e angustiado na hora da paixão. E este observar fazei-o em conjunto, não individualmente, fazei-o em comunidade. Fazei-o cada um com o próprio ritmo, certamente, cada um com a própria história única e irrepetível, mas juntos."

Estas palavras convidam-nos antes de tudo a parar-nos, a perder tempo olhando o Senhor, escutando a sua Palavra, rezando. Esta prática da comum observância de Cristo é um espaço de gratuidade do qual todos necessitamos, não obstante muitas urgências que temos de enfrentar. Precisamos dela porque quem olha Jesus não olha uma imagem estática, mas um Rosto vivo que, quando o contemplamos, irradia sobre nós, transformando-nos com o dom do Espírito Santo. Olhando Cristo, "o seu modo de fazer, o seu rosto, cheio de amor e paz, por vezes indignado face à hipocrisia e ao fechamento, e também perturbado e angustiado na hora da paixão", percebemos que tudo aquilo que vemos n'Ele se torna nosso, que seu modo de agir se torna nosso, que seu rosto se torna nosso rosto, seu olhar se torna nosso olhar. Percebemos que seu amor e paz invadem nossos corações e nossos relacionamentos. Assim nos é doada à sua verdade perante a hipocrisia, nossa ou alheia, assim como a sua perturbação e angústia para ser confiada ao Pai e vivida como partilha da perturbação e angústia de muitos dos nossos irmãos e irmãs. Olhando Jesus com atenção e desejo, percebemos que Ele se torna cada vez mais sujeito da nossa vida, que vem habitar em nós, dando-nos a sua comunhão filial com o Pai no dom do Espírito Santo.

Como os pastores e os magos

“E este observar fizeti-o em conjunto, não individualmente, fizeti-o em comunidade”, insistia Papa Francisco.

O que isto significa? Por que essa insistência?

Não é algo para ser compreendido, mas para ser experimentado, porque ao experimentá-lo se compreende, se vê que é verdadeiro, que é bom, é fecundo e nos faz bem.

Muitas vezes vemos que tanta indiferença e divisão vem da maneira como olhamos uns para os outros. Só olhando Jesus, e observando o seu olhar sobre nós e sobre os outros, descobrimos uma nova luz sobre nós mesmos e sobre os outros. O olhar correto sobre todos e sobre tudo não é nosso, mas do Senhor da verdade e da misericórdia. Olhando juntos Jesus, como devemos fazer em cada ato comunitário, em cada celebração litúrgica, sobretudo na Eucaristia, descobrimos que Jesus é o primeiro a nos "ver juntos", tem um olhar sobre cada um de nós que nos reconhece imediatamente como irmãos e irmãs Nele. Cristo tem um olhar que une, que cria comunhão. Cristo tem o olhar do Pai que nos reconhece a todos como seus filhos, todos como um só rebanho e um só Corpo do Filho unigênito.

Reconhecer isso nos pede antes de tudo uma atitude de humildade, que aceita de ter sempre necessidade de passar através de Jesus para estar unidos, para nos amar, para caminhar juntos e viver a nossa vocação e missão.

No Evangelho de João se narra que alguns Gregos se dirigiram aos apóstolos com o pedido: "Queremos ver Jesus!" (Jo 12,21). Eles também queriam vê-lo juntos. Quando Jesus foi informado desse desejo, entendeu que sua missão pascal estava sendo cumprida: "Chegou a hora de o Filho do homem ser glorificado. Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, que cai na terra, não morre, fica só; mas se morrer, produz muito fruto". (João 12,23-24)

Talvez o Papa nos tenha pedido para olharmos Jesus juntos precisamente por isso, para que a missão de Cristo possa se cumprir em nós, na nossa Ordem, e o grão de trigo do nosso carisma possa dar "muito fruto" na Igreja e para o mundo, o fruto da comunhão, da fraternidade universal pela qual fomos chamados a dar a nossa vida.

Até os simples pastores de Belém, ou os refinados magos vindos do Oriente, queriam ver Jesus juntos. Façamos nosso e partilhemos entre nós e com todos o convite que se fizeram entre si, como o melhor presente de Natal que podemos trocar: "Vamos com alegria ao encontro do Senhor!"

Fr. Mauro - Giuseppe Lepori O.Cist

P.S.: Informo-vos que de 11 de janeiro a 13 de fevereiro de 2023 me retirarei em um mosteiro na Inglaterra para um "mês sabático" durante o qual desejo parar e olhar o Senhor e escutá-lo, para que nos ajude a segui-lo no caminho juntos que está traçando diante de nós. Obrigado por respeitar este tempo de retiro, escrevendo-me apenas para assuntos de extrema urgência. Estarão todos muito presentes na minha oração e confio-me às vossas! Feliz Natal e abençoado ano novo! Vosso Ir. MG